

RELHOS, ESPICHAS E LANÇADEIRAS (1)

POR

AFONSO DO PAÇO

De todos os tempos havemos notícia de trabalhos de arte popular em que os principais peritos fôram os pastores. Em algumas localidades do nosso país onde a vida pastoril quasi desapareceu, não morreu ou definhou com ela a referida arte.

Nos arredores de Viana do Castelo, em algumas freguesias onde os pastores não existem e os povos se dedicam quasi exclusivamente à cultura dos campos, são os objectos *lavrados* de uso popular executados pelos camponeses, que também dispõem de horas vagas nas suas occupações diárias, aproveitando umas vezes para êsses trabalhos os dias de forte invernã, roubando outras um bocadinho do domingo ao serviço do Senhor.

Os objectos lavrados que o homem fabrica nessa região minhota, não são para seu uso próprio, mas somente para o da mulher que, como namorada, espôsa e companheira de labuta nos campos, lhe merece carinhos especiais. Presenteia-a êle com *relhos*, *espichas* e *lançadeiras*, etc., e ela com lenços marcados, fazendo ainda o bordado das toalhas do bragal, os *bicos* (crochet) do peito de suas camisas ou tecendo saias e aventais.

Crete de que é pelos objectos de arte popular de uso feminino que podemos ajuizar do bom gôsto duma região, tentarei dar uma ideia do que são os objectos acima citados em algumas

(1) Desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço.

das freguesias dos arredores de Viana do Castelo, especialmente em Outeiro e Pêrre.

A origem de cada um dêles deve perder-se, como é de uso dizer-se, na noite dos tempos, pois como adiante veremos, dalguns há notícia mui remota.

Desde a mais alta antiguidade sempre foi, como diz a sabedoria das nações «o homem barca e a mulher arca». Ficando em casa tinha a mulher a seu mester os negócios do lar de portas a dentro e inerentes a êle a fiação e tecelagem do vestuário caseiro.

As necessidades da vida e os intensos trabalhos agrícolas levaram à modificação dêste hábito em algumas regiões do nosso país. Assim no norte acompanha ela o homem no campo ou trabalha sôzinha quando o elemento masculino falta, como acontece em algumas aldeias da beira-mar dos arredores de Viana do Castelo, onde o homem vai para longes terras ganhar a vida e ela estende então o âmbito dos domínios da sua acção ao cultivo das terras que o casal possui. Depois, havendo muitas mulheres numa família, o govêrno da casa e o preparo dos alimentos ficam em geral a cargo da mais idosa, indo as outras para a lide pesada dos campos.

Não é portanto a minhota considerada uma escrava que fica de portas a dentro. Trabalhando ombro a ombro com o homem, é considerada sua companheira e sua igual, não sentindo a sua inferioridade recebendo do marido a dádiva do pão que come e do vinho que bebe.

Os objectos lavrados acima referidos, onde abundam motivos amorosos e delicados, corações e flores, podem dividir-se em três grupos distintos:

Uns usados sòmente pela mulher fora de portas, em trabalhos de campo, como os *relhos*.

Outros para uso misto, fora de portas e dentro do lar, as

espichas, pois as lavradeiras fiam em sua casa e a caminho dos trabalhos.

Ainda um terceiro grupo podemos formar com as *lançadeiras* usadas sòmente dentro de casa, no tear.

Relhos

O seu uso, como acima disse, não é recente. D. Julian Lopez Garcia fala-nos duns instrumentos de xisto, a que dá o nome de «rellos», encontrados nas excavações da citânia de Santa Tecla (1), podendo ver-se êsses exemplares no Museu da Sociedade Pró-Monte, em La Guardia. Quando em 1929 visitei o Colégio del Passage, também lá vi alguns, tendo-me o distinto arqueólogo Padre Jalhay presenteado com um, que actualmente faz parte da minha colecção (fig. 1).

Para atar os feixes de erva que a lavradeira carrega à cabeça e que lhe dão aspecto desempenado, usam-se cordas com *relhos*. Estes são no Minho pequenos objectos de madeira de feitios variados, conforme indicam as figuras do presente estudo, que não ultrapassam um decímetro de comprimento por um centímetro de espessura.

Tem nos dicionários às vezes a palavra *relho* significado diferente do que lhe vai aqui atribuído.

Assim Bluteau diz que é o «cinto com que as mulheres nobres da Lusitânia costumavam cingir-se» (2).

O Padre Bento Pereira diz:

«O nó de rosa ou fecho do cinto a que chamam relho...»
e Brito, na *Monarquia Lusitana*, refere:

«E dado o cinto marital e agora os relhos que mulheres...»

(1) Julian López Garcia, *La citania de Santa Tecla o una ciudad prehistórica desenterrada*. La Guardia, 1927, pág. 109, figs. 65 e 66.

(2) Bluteau, *Vocabulário português e latino*. Lisboa, 1720.

Para Viterbo é « o fecho ou fivelão com que outrora se apertavam os preciosos cintos das mulheres portuguesas. O serem de figura triangular e quasi da feição dos *relhos* que ainda hoje na provincia do Minho estão em uso, dá o nome a êste ornamento da cinta ou faixa peitoral » (1).

Refere ainda Viterbo que daí veio o dizer-se: « chegar ao relho a uma mulher » ou « desatar-lhe o relho » ser sinónimo de « casar com ela . . . »

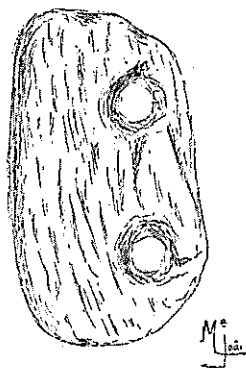


Fig. 1

Domingos Vieira atribui-lhe o significado de: « césto, cinto-maternal, *petrina* » (2).

Césto é no mesmo autor o « cinto que os poetas e pintores da antiga Grécia davam a Venus e Juno. Nêle escondia Venus os Amores e quando por êles queria render alguém, bastava cingi-lo com o césto. Era ainda de uso na antiga Grécia pelos casamentos o marido cingir a mulher com o cinto em sinal de perpétuo amor ».

« As mulheres guardavam-no depois com muita estimação, pois

(1) Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Lisboa, 1799.

(2) Domingos Vieira, *Grande dicionário português*. Porto, 1874.

tinha, diziam, o condão de lhes conservar enquanto vivas o amor e o affecto dos maridos, o suave encanto que une os corações dos noivos » (1).

De *petrina* diz Bluteau que é palavra castelhana, valer o mesmo que cinto e vir certamente o seu nome de cingir o peito (2).

Petrina ainda significa propriamente o peito.

Camões descrevendo o traço de Venus, diz:

« De alva *petrina* flamas lhe saiam

« Onde o menino as almas acendia » (3).

Maximiliano de Lemos diz que *relho* é o fivelão com que as senhoras apertavam custosos cintos » (4).

Para Cândido de Figueiredo é uma « pequena peça de madeira em forma de 8 que serve de fivela para segurar as extremidades de uma corda com que se ata qualquer coisa.—Do latim *rigidulos*? » (5).

Além de significar ainda certo peixe do Mondego, *relho* quer dizer rígido, duro, inflexível, que diz as verdades nuas e cruas, sem dissimulação (6).

D. Francisco Manuel refere:

« Fallarey como mandais.

« Bom português velho, relho » (7)

No Minho, *relho* ainda hoje significa pessoa que nunca está calada, que rezinga constantemente.

(1) Id., *Op. cit.*

(2) Bluteau, *Op. cit.*

(3) Camões, *Lusiadas*. Canto II, est. XXXVI.

(4) Maximiliano de Lemos, *Enciclopédia portuguesa*.

(5) Cândido de Figueiredo, *Novo dicionário*.

(6) Domingos Vieira, *Op. cit.*

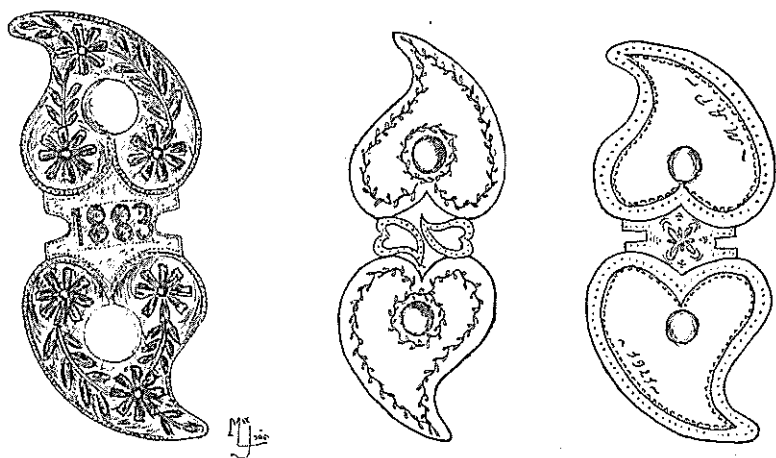
(7) D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, Part. I, col. II, pág. 213.

Depois destas digressões algo longínquas pelos dicionários, voltemos aos *relhos* de Outeiro e Pêrre.

Como acima disse, os feitos são variados, conforme a habilidade da pessoa que os faz e para quem se destinam.

São poucos os curiosos que os fabricam e em geral cada um dêles tem a sua moda ou estilo.

Os *relhos* das raparigas novas e casadoiras teem uns a forma de dois corações unidos, com enfeites de ramagens, grinaldas, crescentes, rosetas, etc., como os das figs. 2, 3 e 4. O primeiro



Figs. 2, 3 e 4

dêstes é o mais antigo da minha colecção (sem contar o de xisto de Santa Tecla) pois tem ao centro, além da data—1883—dum lado, as iniciais do nome da sua possuidora—SGS—do outro. Foi-me oferecido em Carreço e era pertença duma lavradeira já de maduros anos que o recebera na sua juventude como presente dum namorado de Outeiro.

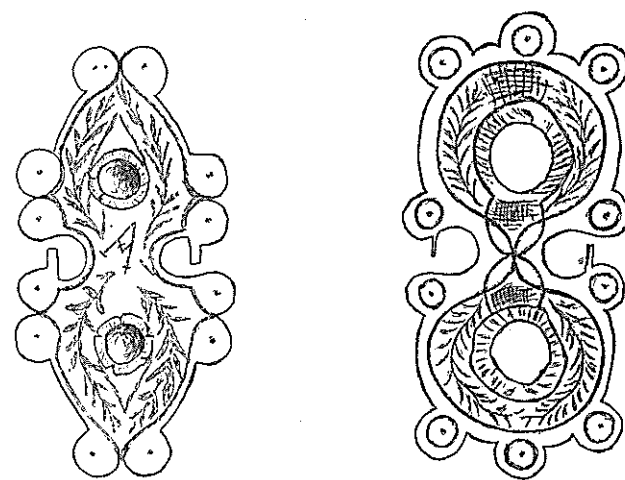
Esta forma de dois corações que ainda hoje subsiste, perdura há mais de meio século. Além de a ter visto em muitos exemplares que não possuo, é a preferida por um dos seus fabricantes

de hoje o sr. Vitorino Araújo da Preza, de Outeiro, que em 1921 me presenteou com o exemplar da fig. 4, que contém, além das iniciais do meu nome, a data em que foi feito. Ofereci-o ao meu querido Mestre e Amigo sr. dr. J. Leite de Vasconcelos, para o Museu Etnológico.

O exemplar da fig. 3 é graciosíssimo, estando os dois corações extremos ligados por dois outros de menores dimensões.

São estes os *relhos* mais perfeitos que possuo. O primeiro tem as flores abertas em baixo relêvo. O segundo e o terceiro, os desenhos gravados a ferro em braza.

Os exemplares das figs. 5 e 6 são de feitos diferentes dos anteriores, tendo à roda pequenos círculos e no interior rama-



Figs. 5 e 6

gens. O seu talhe, as mais das vezes feito a canivete, é mais imperfeito que os das figs. 2, 3 e 4.

O da fig. 7, de forma rectangular e bastante recortado, é ornamentado com ramagens, corações com flores e rectas entrelaçadas.

Uns teem dum lado a inicial A (Amor) (fig. 5) e do outro, por exemplo um M (Maria), se são presente de namorado à rapariga sua conversada. Quando se destinam a noivos ou jovens-casados, o tratamento é mais respeitoso e antepõe-se à inicial do nome um S (Senhor ou Senhora). Ex.: S. A. (Senhor António). Outros teem, como acima disse, as iniciais do nome, sobrenome e apelido, além das indicações do ano em que foram feitos

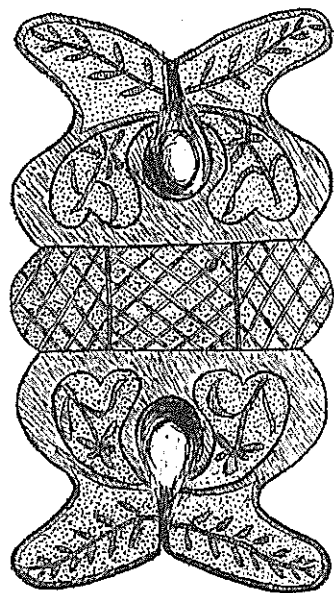


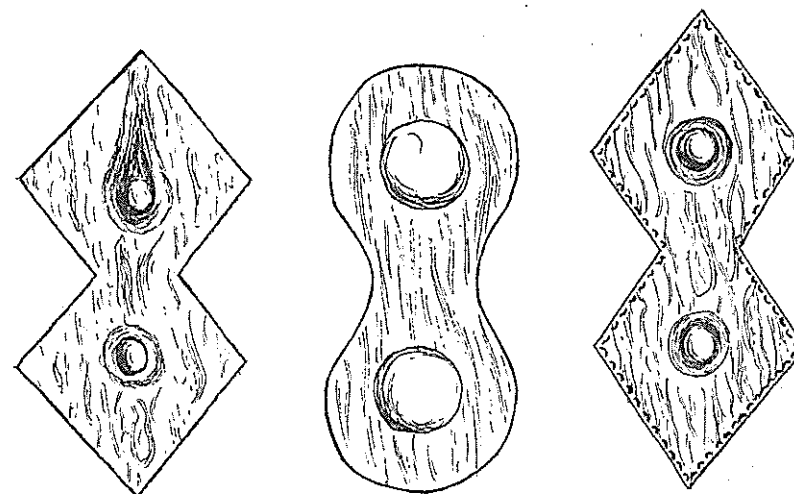
Fig. 7

O exemplar da fig. 5 tem os buracos onde enfia a corda forrados com uma delgadíssima chapa de cobre para não se desgastarem com o uso, como aconteceu aos da fig. 7.

Além destes *relhos* lavrados, há outros — os dos homens — sóbrios e sem enfeites, de linhas rectas, diríamos que fugindo para o cubismo (figs. 8 e 10), ou em forma de 8 (raros em Outeiro e Pêrre, a-pesar-de Cândido de Figueiredo atribuir esta forma a todos os *relhos* minhotos). (Fig. 9).

As velhas, pôsto que a todos inspirem os maiores carinhos, usam *relhos* como os dos homens, isto é, sem enfeites, sem as manifestações artísticas que brotam do amor do coração.

Os enfeites são quasi sempre os mesmos: novos para os que começam a viver, velhos para os que descem a colina da existência. A civilização dos grandes centros ainda não deturpou esta arte rústica, batida das chuvas e dos ventos, rutilante de sol, cheia de esperança do verde dos campos, cheirando a tojo e a



Figs. 8, 9 e 10

alfazema, trabalhada a maior parte das vezes à ponta de canivete.

O *relho*, que serve para mais facilmente apertar a corda dum feixe, tem dois buracos: um, onde passa a azelha, e outro, onde enfia a ponta livre que aperta em laçada.

Estes *relhos* lavrados só os conheço à roda de Viana. Noutras regiões do país, com nomes diferentes, não passam de um pedaço de verga torcida ou de um galho curvo onde prende a extremidade da corda.

O *relho* novo bem como uma corda nova, fazem parte integrante do enxoval de uma lavradeira.

Os *relhos* lavrados são feitos de buxo, sendo os que não são enfeitados, talhados em qualquer madeira rija, mesmo em chifre de cabrito.

Espichas

A mulher do Minho fia na roca o linho e lã com que tece a roupa branca da casa, as suas saias e aventais, a faldrilha das calças do homem.

É vê-la no campo apascentando as vacas, ou andando estrada ou caminho fora, à ida e à volta do trabalho, sempre a fiar manelos sôbre manelos ⁽¹⁾.

As grandes fiadas fazem-se porém nas longas noites de inverno. A lavradeira dos arredores de Viana não fia como a de Mirandela, no fiadouro, ao ar livre, em grande arraial com fogueira ao centro e folguedos em redor ⁽²⁾. Fia em casa, à roda do borralho. Depois da ceia reünem-se as mulheres de duas ou três casas vizinhas, e enquanto falam dêste mundo e do outro, os homens jogam as cartas ou cabeceiam de sono e os serandeiros dirigem madrigais, fiam elas a sua tarefa de cêrca de uma dúzia de massarocas cada uma.

Faz parte da roca que acompanha a lavradeira para quási tôda a parte, um pequeno objecto trabalhado que se chama *espicha*, que é uma lâmina de osso perfeitamente lisa, não mais comprida que uns doze centímetros e mais espêssa que milímetro e meio, servindo para fixar a correia que aperta o manelo que é

(1) O professor J. Leite de Vasconcelos refere-se a vários trabalhos de difícil execução, feitos por moiras fiando na roca, segundo a crença popular.

(2) Vergílio Correia, *Rocas enfeitadas*. «Terra Portuguesa», vol. II, pág. 112 e segs. Lisboa, 1916.

como quem diz a quantidade de linho ou de lã que se põe duma vez na roca. (Fig. 11).

Há dicionários que nem trazem êste vocábulo no feminino, com o significado do presente estudo, como por exemplo o de



Fig. 11

Morais, onde aparece como uma porção de sardinhas ou camarões enfiados pelas guelras ⁽¹⁾. Igual significação aparece em Bluteau ⁽²⁾. Outros porém dizem que é êle um provincianismo beirão.

(1) Moraes, *Op. cit.*

(2) Bluteau, *Op. cit.*

ou minhoto, significando uma «pequena peça de osso em forma de ponta de seta, na extremidade da correia que liga a estriga à roca e que segura a mesma correia cravando-a entre esta e a estriga» (1).

No centro do país a *espicha* tem o nome de *agulheta* segundo referem Vieira Natividade (2) e Vergílio Correia (3).

Fabrica-se em Outeiro e Pêrre a *espicha* do osso maior e mais resistente do boi ou do cavalo — o femur — e são poucos os curiosos que as trabalham nas horas vagas do campo, em domingos e dias chuvosos, sendo por isso tratados com especial carinho pelas suas possuidoras.

Notamos na *espicha* duas partes distintas: uma superior, mais larga e trabalhada, cheia de abertos, que fica fora do manelo; outra inferior, mais pequena, de forma aguçada, lisa e sem enfeites que enterra no linho ou lã. Num orifício que fica à altura do começo da parte inferior, prende a correia com um nó.

A correia é uma tira de carneira preta, vermelha ou azul que ata o manelo.

Analisando mais detalhadamente a parte lavrada das *espichas*, vemos que em três delas termina na parte superior por dois galos que se tocam nos bicos (figs. 12, 13 e 14), e em outras duas por dentes de serrilha mais ou menos afastada. (Figs. 15 e 16).

A metade superior dos três primeiros axemplares é muito recortada lateralmente, e no meio cheia de abertos feitos à pua, onde abundam círculos, cruzes, triângulos, losangos, etc.

Na fig. 12 encontramos um coração, e por cima dêste podemos observar nitidamente um «signo de Saimão» para evitar que as feiticeiras quebrem o fiado. Nesta e na fig. 13 ainda podemos

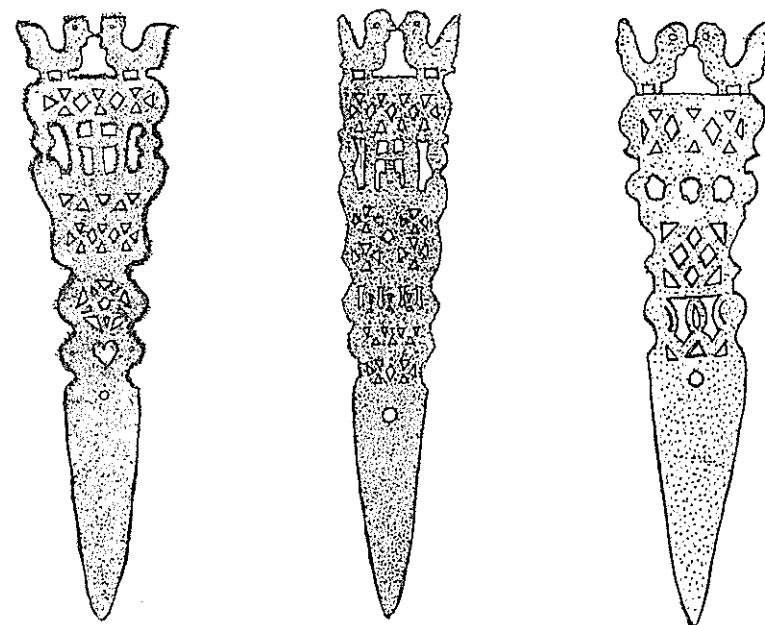
(1) Maximiliano de Lemos, *Op. cit.*

(2) Vieira Natividade, *Rocas da minha terra*. «Portugália», tomo II, pág. 638.

(3) Vergílio Correia, *Op. cit.*

distinguir uma cruz em cada, tendo a última na parte inferior uma peanha.

A fig. 15 representa uma *espicha* que pertenceu ao enxoval de uma noiva. Está enfeitada com ramagens, tem dois corações e as iniciais S. J. (Senhora Joana), indício de respeito pela sua possuidora.



Figs. 12, 13 e 14

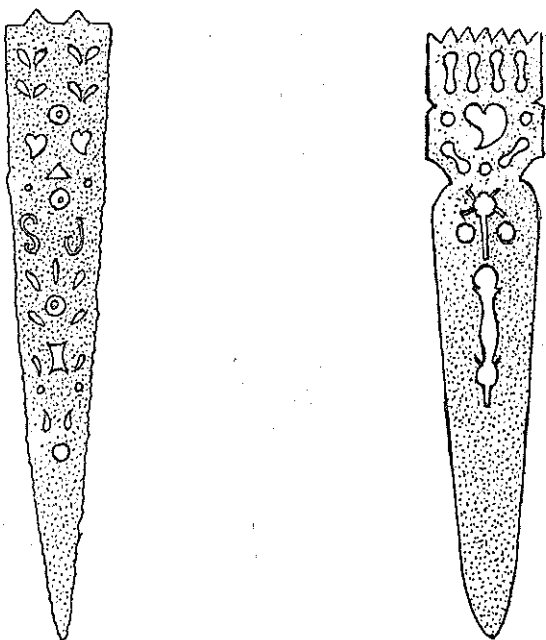
A fig. 16 tem, além dum coração, uma flôr.

Confrontando as *espichas* de Outeiro e Pêrre com as dos estudos de Vieira Natividade e Vergílio Correia, vemos algumas semelhanças de forma, mas nenhuma de ornatos (4). O material empregado também varia muito, sendo de madeira ou fôlha em Amarante, abas do Marão, Chaves e planalto de Montemuro;

(4) Vieira Natividade, *Op. cit.*

de fôlha apenas, em Penafiel e Paços de Ferreira; de estanho em Malhadas (1).

Nas *agulhetas* de Alcobaça e planalto de Montemuro trabalhadas a canivete e não à pua como as de Outeiro e Pêrre, abundam ou há quási apenas desenhos de linhas rectas.



Figs. 15 e 16

A espécie galinácea, ou mesmo qualquer outra zoológica, não é ornato das *agulhetas* do centro do país ou *espichas* transmontanas e durienses. Os corações são mais imperfeitos e menos vulgares na Extremadura e em Trás-os-Montes (Malhadas).

Os «signos de Saimão» não teem cabimento nos exemplares estudados na «Portugalia» e «Terra Portuguesa». As iniciais do-

(1) Vergílio Correia, *Op. cit.*

nome também não existem no centro do país. Apenas Vergílio Correia as cita em exemplares de estanho de Malhadas, que também às vezes teem o nome por extenso.

As velhas, no geral, não usam *espichas* lavradas, mas uma ponta de seta de osso ou madeira, sem o menor ornato, a não ser alguma que a conserve do tempo de solteira ou de noivado.

Sendo o uso da roca de tão antigas tradições entre nós (1) pena é que não haja elementos para se saber da sua evolução e enfeites.

Fritz Kruger, que num belo estudo acêrca de *Die nordwestiberisch Wolks Kultur* (2) fala das rocas do norte de Portugal e da Galiza, não se refere ao mais belo ornamento da roca de Viana do Castelo, a *espicha*.

Lançadeiras

São frágeis barquinhas de pau de lorangeira onde embarca o fiado da trama, no mar tempestuoso do tear, em contínua borrasca pelo movimento que nas peanhas imprimem os pés nervosos da tecedeira, rapariga nova que, trabalhando, canta cantigas de amor com o pensamento do seu namorado.

Levam o fiado das canelas com velocidade vertiginosa dum ao outro lado do tear, fazendo crescer a olhos vistos o pano que há-de ser camisa, as riscas que hão-de ser saia, a faldrilha que há-de dar calças.

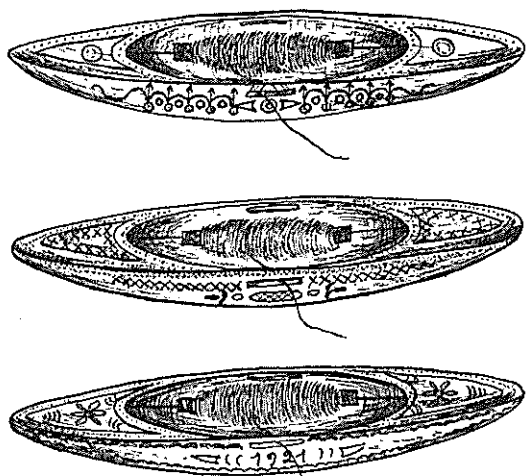
O fiado das canelas que no caneleiro foram cheias por rapazes ou raparigas em enfadonhas tarefas de 20, de 30 ou de 40, esvazia-se rápidamente pelas fendas que existem nas faces late-

(1) J. Leite de Vasconcelos, *A roca no século XVI*. «Revista Lusitana», vol. V, pág. 311. No museu de Santarém há uma estela funerária com uma roca, fuso e sarilho.

(2) Fritz Kruger, *Die nordwestiberisch Wolks Kultur*, in «Wörter und sachen». Hamburg, 1927, pág. 129.

rais ou no fundo da *lançadeira*. Esta que é levíssima como o pensamento da tecedeira, tem uma cavidade ao centro onde desenrola a canela que, sendo de cana e oca, desliza suavemente numa haste flexível, em geral de ramo de oliveira, a que chamam *verdizela*.

Objecto de uso feminino que não excede em geral dois decímetros de comprimento, não podia deixar de ser em Outeiro e Pêrre cheio de enfeites.



Figs. 17, 18 e 19

Os exemplares das figs. 17, 18 e 19 são ornamentados com crescentes, círculos, setas, pontos, rectas cruzadas e rosas.

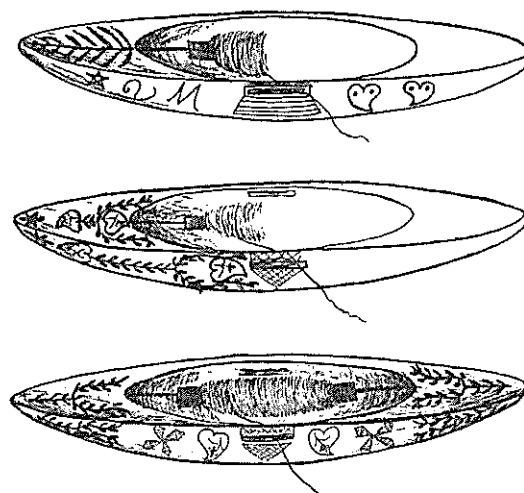
A fig. 20 ainda tem a data de 1921, ano em que foi feita.

As figs. 20, 21 e 22, duas das quais apenas desenhadas em metade por a outra parte lhe ser igual, abundam mais em motivos amorosos: corações simples ou com flores, ramos de folhagem, velas de moínhos, rectas entrelaçadas, mesmo um «signo de Saimão» para que as bruxas não entrem com o fiado. A fig. 20 tem ainda um S. M. (Senhora Maria), indicativo que se destinava a

uma noiva ou a uma jovem casada que tinha o nome da Mãe de Deus.

Vergílio Correia apresenta-nos uma *lançadeira* com *lavrados* a página 39 da sua *Etnografia Artística* ⁽¹⁾ e diz-nos que nos desenhos dos antigos teares dos tempos gregos aparecem *lançadeiras* «bastante parecidas com as actuais» ⁽²⁾.

Maximiliano de Lemos diz que a *lançadeira* também se deno-



Figs. 20, 21 e 22

mina algures *arqueada* por as suas extremidades serem arqueadas ⁽³⁾.

Morais define assim a *lançadeira*: «o instrumento do tecelão em que vai enleando o fio com que se tece o pano passando por entre os fios do ordume» ⁽⁴⁾.

(1) Vergílio Correia, *Etnografia artística*. Pôrto, 1916.

(2) Idem, *Op. cit.*, pág. 34.

(3) Maximiliano de Lemos, *Op. cit.*

(4) Moraes, *Op. cit.*

*

* *

Tôda a rapariga de Outeiro e Pêrre que se presa de boa dona da sua casa, leva quando do casamento, na sua caixa de castanho, de mistura com o bom enxoval de roupa de linho, os vestidos à lavradeira e o oiro do pescoço, um *relho* lavrado e uma corda nova com que há-de trazer das leiras a comida para os animais que a ajudam no trabalho e dão o leite; uma roca ⁽¹⁾ por estrear ⁽²⁾ com *espicha* trabalhada para fiar o linho e a lã na ida e na volta do trabalho ou longas noites de inverno; uma *lançadeira* enfeitada com que há-de tecer o bragal e o seu vestuário.

Costume antigo cuja origem se desconhece e que ainda hoje se transmite religiosamente de pais a filhos, fazendo da lavradeira uma mulher diligente e boa dona de sua casa.

Estoril. Agôsto de 1929.

(1) Entre os romanos era costume oferecer à noiva uma roca nova.

(2) Diz a tradição popular que não será feliz ou morrerá cedo a noiva que levar a roca de solteira.